



## A ESPIRITUALIDADE LAICA DE LUC FERRY: UMA PROPOSTA TERRENA DE SALVAÇÃO<sup>1</sup>

SECULAR SPIRITUALITY OF LUC FERRY:  
A PROPOSAL EARTHLY OF SALVATION

*Douglas Willian Ferreira\**

### RESUMO

Compreender a espiritualidade para além do religioso é o que nos propõe Luc Ferry ao defender uma espiritualidade laica que resguarda a herança espiritual das grandes religiões, sem, no entanto, defender a necessidade da religião na busca do sentido da vida. Em sua defesa, o autor vê na laicidade a possibilidade do aperfeiçoamento espiritual através da erradicação do homem de seu egoísmo natural, permitindo a esse homem ir ao encontro do outro, pelo amor e pela compaixão. Esse arrancar-se de si implica num sacrifício em favor dos que amamos o que nos permitirá dar sentido à vida e com isso, salvar-nos sem a ajuda de Deus. Num humanismo onde as visões tradicionais do mundo e as concepções religiosas da ética caducaram, o homem moderno se vê diante da seguinte indagação: O que me é permitido esperar? Não podemos hesitar numa resposta secularizada. Analisando a extensa bibliografia de Ferry, podemos deduzir da centralidade do homem e de sua liberdade os embasamentos necessários para o cultivo de uma espiritualidade sem Deus. Assim, nosso objetivo é analisar a transcendência do amor e sua centralidade na concepção filosófica de Ferry; a concepção do Homem-Deus bem como a possibilidade de uma espiritualidade num momento em que é perceptível um crescente movimento de secularização da vida humana e de distanciamento do apanágio religioso. Fato é que, mesmo defendendo uma espiritualidade laica, Ferry não se desprende dos conceitos religiosos o que nos permite ver em sua filosofia soteriológica um retorno à religião.

**Palavras-chave:** Amor; Humanismo; Laicidade; Espiritualidade; Ferry

---

<sup>1</sup> Esse texto é parte do primeiro capítulo da dissertação de mestrado defendida e aprovada pela banca do programa de pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora no dia 02/03/2016.

\* Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora e doutorando pela mesma instituição. Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de São João del Rei. E-mail: [drogswillian@hotmail.com](mailto:drogswillian@hotmail.com)

## ABSTRACT

Understand the spirituality beyond religion is what proposes Luc Ferry to defend a secular spirituality that protects the spiritual heritage of the great religions, without, however, defend the need for religion in search of meaning of life. In his defense, the author sees in the laity the possibility of spiritual improvement through the eradication of man from his natural selfishness, allowing the man to meet the other, by love and compassion. This booting up of itself implies a sacrifice in behalf of those who love what allow us to make sense of life and thereby save us without God's help. A humanism where traditional worldviews and religious conceptions of lapsed ethics, modern man is faced with the following question: What is allowed me wait? We cannot hesitate a secularized response. Analyzing extensive bibliography Ferry, we can deduce the centrality of man and his freedom the emplacements necessary for cultivating a spirituality without God. So our goal is to analyze the transcendence of love and its centrality in the philosophical conception Ferry; the conception of the God-Man and the possibility of a spirituality at a time when it is noticeable a growing movement of secularization of human life and distancing of religious prerogative. Fact is, even defending a secular spirituality, Ferry doesn't detach from religious concepts which allows us to see in his soteriological philosophy a return of religion.

**Keywords:** Love; Humanism; Secularism; Spirituality; Ferry

## INTRODUÇÃO

Compreender a espiritualidade para além do religioso é o que propõe o filósofo francês Luc Ferry. Com isso, o autor afirma a possibilidade de uma espiritualidade laica que ao mesmo tempo em que se distancia das imposições dogmáticas das religiões, resguarda a herança espiritual dessas mesmas tradições, principalmente no que concerne à valorização do transcendente, do espiritual, da ideia de sagrado e de sacrifício e acima de tudo do amor. Como se vê, todos esses elementos religiosos ganham, em sua filosofia, uma interpretação secularizada e laica.

Assim, a laicidade não exclui a possibilidade do aperfeiçoamento espiritual através daquilo que o homem excede de si mesmo, ou seja, sua capacidade de, pela liberdade, abrir mão de seu egoísmo natural, permitindo ao homem ir ao encontro do outro, pelo amor e pela compaixão.

Esse arrancar-se de si implica num sacrifício em favor daqueles que o homem ama assegurando a si mesmo, a possibilidade de significar a própria vida e, com isso, de salvar-se, – através da filosofia e não mais do auxílio divino –, do desespero e da angústia típicas de uma vida aparentemente sem sentido. Isso porque, num humanismo no qual as visões tradicionais do mundo e as concepções religiosas da ética caducaram, o homem moderno se vê diante da

seguinte indagação: O que me é permitido esperar se não há mais uma resposta pronta dada pelas estruturas institucionais e/ou por verdades absolutas? Não se pode hesitar numa resposta secularizada; afinal, ao analisar a extensa bibliografia de Ferry, deduz-se a centralidade do homem e de sua liberdade como as bases e o cultivo de uma espiritualidade sem Deus.

Nesse trabalho, ter-se-á afirmada a transcendência do amor e sua centralidade segundo a concepção filosófica de Ferry; a construção da ideia de Homem-Deus bem como a possibilidade de uma espiritualidade num momento em que é perceptível um crescente movimento de secularização da vida humana e de distanciamento do apanágio religioso. Fato é, que mesmo defendendo uma espiritualidade laica, Ferry não se desprende dos conceitos religiosos o que permite deduzir de sua filosofia soteriológica um abrigo dos conceitos religiosos.

## **1. A SECULARIZAÇÃO DO CRISTIANISMO E A PERMANÊNCIA DO ESPIRITUAL**

A rejeição dos dogmas e o rompimento com todo tipo de heteronomia, certamente fora um dos mais importantes legados que o Iluminismo concedeu ao pensamento moderno. Ao rescindir todas as formas de sujeição, como as determinações religiosas e mesmo familiar, política e educacional, tem-se garantido o alvorecer da laicidade e da secularização que trará em seu bojo, a liberdade de escolha e da constituição de si mesmo, a responsabilidade ética, o republicanismo e a democracia; uma espiritualidade que considere mais que a fé a própria razão humana; a valorização da individualidade e da subjetividade, e porque não, na construção histórico-antropológica e filosófica de Ferry, a centralidade do amor.

Para o autor, esse processo de laicização é irreversível, porque garantiu a liberdade de consciência ao homem fazendo dele um indivíduo único e insubstituível. Vê-se assim, certa influência do Cogito cartesiano nessa compreensão da centralidade do homem, porque o que o Cogito anuncia,

é nada menos que o advento do humanismo, no sentido filosófico do termo, o fato de que é esse tal sujeito, esse ser humano que vai ocupar, na filosofia moderna – sobretudo a partir do legado de Descartes que será nossa grande Declaração dos Direitos do Homem –, o lugar[...] do divino nas antigas visões de mundo agora em dificuldades (FERRY, 2008b, p. 51).

Essa individualidade não pode ser identificada com um individualismo egocentrista, – que limita o olhar do homem em relação a si mesmo –, mas com o aperfeiçoamento das relações, numa crescente valorização do outro através da preocupação com suas limitações, sofrimentos

e dificuldades. Portanto, no lugar de um egoísmo exacerbado, segundo Ferry, surge o crescente desenvolvimento de ONGs que retratam o interesse pelos sofredores, exteriorizados nas ações solidárias e na compaixão (FERRY, 2012b, p. 150).

Certamente, essa ocular do autor ainda surpreende muitos homens contemporâneos, principalmente os religiosos, porque tendem a significar a laicidade como algo violento e beligerante, esquecendo-se da defesa que a mesma faz da tolerância e do respeito<sup>2</sup>. Como fruto dessa redução do conceito, elabora-se, muitas vezes, uma errônea relação entre laicidade e ateísmo com ações desumanas, e egocêntricas, simplesmente porque a laicidade rechaça do Estado e da consciência, o forte poder de dominação, influência e atuação do religioso, permitindo, assim, o desenvolvimento de valores seculares, que exatamente por não serem religiosos, são associados à decadência humana.

Outro grande motivo que lançou a desconfiança no coração do homem moderno em relação à secularização é exatamente a desproteção e a falta de sentido que tomou conta dos sentimentos dos indivíduos quando emanciparam-se das respostas prontas dadas pela exterioridade, e se viram como os únicos responsáveis por suas próprias escolhas. Há uma angústia despontada pelo declínio do religioso, mas ela não pode ser encarada como o fim da vida, como uma impossibilidade de caminhar, ou como uma estagnação. No entanto, nada está perdido, e é preciso reconhecer isso. De que maneira? Através da filosofia que

sempre foi, pelo menos em seus maiores momentos, secularização de uma religião; ela é sempre parte de uma representação religiosa do mundo e das relações entre os homens e os deuses e, essencialmente, ela sempre agiu para secularizar, laicizar a mensagem religiosa (FERRY; VINCENT, 2011, p. 39).

Ao contribuir com a secularização, a filosofia não tem por interesse lançar o homem no desespero angustiante da falta de sentido. Do contrário, ela quer mostrar que é possível uma

---

<sup>2</sup> Para uma melhor compreensão do termo laicidade tem-se a seguinte definição de Pierre Bréchon: “Trata-se de uma ideologia, portadora de mobilização, caracterizada pela defesa dos valores da República e de uma luta contra todos os obscurantismos religiosos, notadamente no sistema escolar. Esta versão militante de laicidade, forjada nos combates políticos no século XIX e no século XX, não é a única. A ideologia laica se reduz hoje a uma atitude de tolerância, de abertura a todas as posições filosóficas e religiosas, ou por um simples silêncio que se impõe nas aulas de professores concernindo as opções religiosos ou políticas, de maneira a não influenciar as crianças ‘flexíveis’” (1995, p. 2 – tradução nossa). Do original: “Il s'agit d'une idéologie, porteuse de mobilisation sociale, caractérisée par un soutien aux valeurs de la République et une lutte contre tous les obscurantismes religieux, notamment dans le système scolaire. Cette version militante de laïcité, forgée dans les combats politiques du XIXème et XXème siècles, n'est pas la seule. L'idéologie laïque se réduit aujourd'hui parfois à une attitude tolérante, d'ouverture à toutes les positions philosophiques et religieuses, ou par un simple silence que s'imposent dans leurs cours les enseignants concernant leurs options religieuses ou politiques, de manière à ne pas influencer des enfants très malléables” (BRÉCHON, 1995, p. 2).

vida significativa, sem a presença da divindade, ou de um Deus que promete ao homem o paraíso, a eternidade e a perfeição. A filosofia faz com que o homem perceba que “o significado dessa recusa [do divino] é abissal: ela revela, na verdade, que o sentido da existência humana não é, não deve ser a busca da vida eterna” (FERRY; VINCENT, 2011, p. 49), porque a vida de um mortal bem-sucedida, fruto de escolhas autênticas, da preocupação com o outro e da vivência do amor, é mais vantajosa do que a vida imortal, marcada pelo fracasso, pela lamúria e pelo medo. No entanto, a vida bem-sucedida não exclui o aperfeiçoamento espiritual, o desejo de salvação, ou o reconhecimento do sagrado, porque “a filosofia vai reconstruir e refundar uma teoria, uma moral e uma nova doutrina da salvação para finalmente substituir as cosmologias e as teologias de antanho” (FERRY, 2008b, p. 56).

Nota-se que para Ferry a laicização afeta diretamente a perspectiva do religioso como relação com o Absoluto; no entanto, a continuidade do religioso, ou dos conceitos e concepções religiosas cristãs permanecem porque “a religião não é necessariamente heteronomia. Pode-se, por exemplo, descobrir o religioso a partir de experiências inteiramente autônomas” (FERRY; GAUCHET, 2008c, p. 26), isso porque “o religioso aparece como o horizonte das experiências vividas pelos seres humanos” (FERRY; GAUCHET, 2008c, p. 26), ou ainda, “como uma disposição natural para a metafísica” (FERRY; GAUCHET, 2008c, p. 27).

O autor, não pretende, contudo, afirmar um processo contrário à secularização, mas quer mostrar que a transcendência não foi banida da vida humana, pelo menos, não a transcendência na imanência, desenvolvida por Husserl, que se encontra na ordem da moral, da estética e do simbólico, e, sobretudo, no amor, que é a esfera “que mais nos aproxima do religioso” (FERRY; GAUCHET, 2008c, p. 29). Com isso, no âmbito da laicidade, aparece uma nova compreensão acerca do religioso que para Ferry:

se reintroduz no final do percurso como o horizonte das práticas humanas; é esse o sentido dos famosos postulados da razão prática, a ideia de que a moral não é fundada na religião, [...] mas que, ao mesmo tempo, no horizonte de nossas ações morais não pode deixar de existir uma problemática religiosa [...]. Isso também constitui uma verdadeira revolução, devida à ideia de que o religioso não se encontra mais à montante da moral, como quer o papa (a teologia moral), mas sim inteiramente a sua jusante, isto é, ele passou para o lado do futuro. Em outros termos, o religioso não é mais da ordem da heteronomia, da dependência radical, mas da ordem da transcendência na imanência (FERRY; GAUCHET 2008c, p. 31).

Somente assim é que se pode compreender a centralidade do amor no pensamento de Ferry, e perceber que esse sentimento, aparentemente tão banal<sup>3</sup>, possibilita ao homem experimentar essa transcendência horizontal de uma espiritualidade laica, que não perde, portanto, sua relação com o religioso; afinal, “a partir do momento em que se estabelecem valores superiores à vida material, biológica, entra-se na esfera do religioso” (FERRY; GAUCHET, 2008c, p. 33).

## 2. A SECULARIZAÇÃO DO MATRIMÔNIO E O SURGIMENTO DO AMOR AGÁPICO.

Mesmo que aparentemente controverso, é ainda possível falar de religiosidade e, até mesmo, de espiritualidade no momento em que a laicidade e a secularização parecem a regra. E Luc Ferry demonstrará isso através da estruturação de uma espiritualidade que se pauta no amor. Nesse sentido, o amor se apresenta, segundo o autor, como um valor superior à vida, capaz de fazer com que o homem se esvazie de si mesmo, superando seu egoísmo, indo em direção àqueles que ele ama. Essa relação carrega em si algo de religioso, porque sacraliza as relações e faz do homem, um indivíduo capaz de sacrificar a si mesmo em favor daqueles que precisam. Assim, “sacrifício e dever, longe de estarem condenados a desaparecer porque teriam somente um conteúdo religioso, continuam a ser perspectivas organizadoras, eixos da experiência humana” (FERRY; GAUCHET, 2008c, p. 38).

Nessa linha, tem-se também outros tantos pensadores<sup>4</sup> contemporâneos que defendem essa valorização do espiritual como algo praticável na sociedade secularizada. É importante ressaltar que, ao contrário do que muitos pensam, o espiritual não é excluído necessariamente pelo laico<sup>5</sup>. Nessas sociedades, o espiritual está intimamente ligado às capacidades do homem de sentir e de conhecer. Afinal, “em uma sociedade como a nossa que não pode ser crente nem religiosa,

---

<sup>3</sup> Banal, para o autor, é tudo aquilo que permite ao homem passar da esfera da intimidade para o coletivo, no sentido de ser uma experiência possível a todo ser humano, e que aparece como possibilidade cotidiana. (Cf. *O anticonformista*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012c, p. 129).

<sup>4</sup> Além de Luc Ferry, vemos essa defesa de espiritualidade em Comte-Sponville; Mariá Corbí; Robert Solomon; Georges Betaille e outros.

<sup>5</sup> Afirma Ferry: “o conteúdo da religião cristã, com suas raízes judaicas, não deixou de continuar alimentando, de forma secularizada, é claro, inúmeros valores democráticos, a começar pela igual dignidade dos seres humanos” (FERRY, 2010, p. 111-112).

‘a Espiritualidade’, se se refere a algo real, tem que referir-se a um peculiar uso de nossas faculdades de conhecer, de sentir e de atuar” (CORBI, 2008, p. 1, tradução nossa).<sup>6</sup>

Dessa forma, como propõe Luc Ferry, a sacralização dos laços afetivos representa a resposta concreta do homem que finda com a visão de uma espiritualidade encerrada nos dogmatismos e institucionalizações tradicionais, como o cristianismo, abrindo novas possibilidades de compreensão da dimensão espiritual. Para o autor, essa conquista só foi possível ao homem pós-moderno quando a própria vida privada passou pelo processo de secularização, ou seja, quando o homem se tornou responsável pelas escolhas que faz e pelos projetos de vida que elabora para si; e essa secularização inicia-se nos lares, mais precisamente, na vida matrimonial, pois

Com o surgimento de uma nova concepção do casamento, com a paixão pelos filhos, que se desenvolveria aos poucos, foi simplesmente a questão do sentido da vida que se viu revirada de cima em baixo: pois, a partir dali, seria o amor profano – e não mais o amor a Deus – a dar à existência dos indivíduos a sua significação mais manifesta (FERRY, 2010, p. 111).

Assim, o casamento na sociedade tradicional, segundo o autor, raramente estava ligado a uma escolha orientada pelo sentimento porque há outros interesses que motivam a união matrimonial como o desejo de assegurar a linhagem e a transmissão de nomes e de patrimônios (FERRY, 2010, p. 97). Além disso, nessa mesma sociedade a grande maioria dos enlaces matrimoniais eram impostos pelos pais, pela família ou pela comunidade, portanto, casamentos de conveniência. No crepúsculo de um tempo em que a vontade alheia sujeitava os sentimentos verdadeiros, o que se vê é a crescente valorização do cotidiano e das pessoas comuns. Na arte, na música, na própria maneira de expressar a fé, na filosofia e na literatura, a dimensão subjetiva ganha reconhecimento, o romantismo permite a expressão do coração, e com o romantismo literário os fundamentos do casamento perdem seu caráter contratual para se tornar a expressão livre da unidade de dois indivíduos<sup>7</sup> pelo amor.

Na análise de Ferry, o fim do matrimônio tradicional acontece no bojo do nascente capitalismo e seu conseqüente êxodo rural. A ambicionada e agora factual independência financeira, gera

---

<sup>6</sup> En una sociedad como la nuestra que no puede ser creyente ni religiosa, ‘La espiritualidad’, si se refiere a algo real, tiene que referirse a un peculiar uso de nuestras facultades de conocer, de sentir y de actuar.” (CORBI, 2008, p. 1).

<sup>7</sup> A preferência pelo termo indivíduo se relaciona tanto ao momento forte da valorização das individualidades, resultante do iluminismo e do humanismo, bem como, porque na atualidade o matrimônio ganha novos contornos que vai além da ligação amorosa entre homens e mulheres.

no homem moderno o desejo de concretizar o projeto de liberdade elaborado e defendido pelos intelectuais modernos (FERRY, 2010, p. 110). Para todos aqueles que saíram das aldeias era outorgada uma dupla liberdade: a liberdade do anonimato, pois na cidade o aldeão se tornaria um qualquer entre tantos outros, livre das relações e do olhar da intimidade; e a liberdade financeira que permitirá a concretização dos projetos individuais e a independência em relação aos seus. Livres desses argumentos de autoridade – a vontade familiar e a dependência financeira - o homem moderno não precisa se preocupar mais com as imposições familiares e comunitárias. A única vontade que deverá ser satisfeita é a da realização pessoal e da busca da felicidade. Agora, e inicialmente, os proletários, se unirão com aqueles que escolheram construir uma família motivados pelo afeto e pelos sentimentos. Tal atitude será posteriormente seguida pelos burgueses que ainda relutantes a esse tipo de união visavam o matrimônio como garantia da manutenção da riqueza e do nome.

Evidencia-se assim o fato de que o casamento por amor fora determinante para que acontecesse o reencantamento<sup>8</sup> do mundo através da sacralização da figura humana, ou seja, com o aparecer do homem-Deus<sup>9</sup>, que permite, inclusive, uma nova concepção moral e uma valorização e respeito pelo homem, mesmo quando são inúmeros os massacres, violências e genocídios que fazem com que esse mesmo homem seja desacreditado. Para Luc Ferry, é ainda possível acreditar no homem, porque por piores que sejam as atrocidades do presente, nada há que se compare com as imensas atrocidades do passado, como as guerras, a escravidão, o colonialismo e etc. (FERRY, 2012a, p. 92).

Mais que uma possibilidade de valorização da pessoa humana, tem-se o surgimento da intimidade fortalecida com a liberdade do homem, pois

---

<sup>8</sup> O termo se refere a um processo inverso ao desencantamento do mundo defendido e postulado por Marx Weber na obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, nos seguintes termos: “Aquele grande processo histórico - religioso do desencantamento do mundo que teve início com as profecias do judaísmo antigo e, em conjunto com o pensamento científico helênico, repudiava como superstição e sacrilégio todos os meios mágicos de busca de salvação, encontrou aqui sua conclusão (WEBER, 2004, p. 96) ou ainda o desencantamento, segundo o autor, propiciou “a eliminação da magia como meio de salvação” (WEBER, 2004, p. 106), de forma que o que restou fora somente uma “ascese intramundana” (WEBER, 2004, p. 135).

<sup>9</sup> O homem-Deus é a expressão da sacralidade própria de cada indivíduo perante a humanidade. De maneira geral, a capacidade de pensar e acima de tudo a capacidade de amar, faz do homem um ser, dentre todos os demais, divino. Somente a divindade possui amor tão gratuito, e não havendo divindade, mas tão somente o homem, e sendo este capaz de tal amor, podemos dizer que o homem é um ser divino. É evidente que o uso desse conceito resulta em grandes problemas, um deles, tão combatido por Ferry, é o fato de o homem estar tão cheio de si e acabar dominando os outros por acreditar-se divino. No entanto, essa interpretação é redutora demais daquilo que Ferry quer propor em seu conceito.

é a evidência mais difundida do nosso tempo, talvez a única a suscitar uma tal unanimidade: a vida comum é caso de sentimento e de escolha, ela tem a ver com decisões individuais privadas, isto é, excluídas tanto quanto possível do controle da sociedade como um todo (FERRY, 2010, p. 100).

Esse amor conjugal a princípio limitado ao casal, ganhará nova dimensão com o surgimento dos filhos. Uma dimensão mais sublime e transcendente de um amor ilimitado e desinteressado, que faz com que os pais se doem totalmente ao outro sem nada esperar em troca. Essa experiência agápica que os filhos permitem é bem retratada por Ferry na sua autobiografia intitulada *O Anticonformista*, no qual o autor comentará que a adoção de sua filha permitirá a ele o desabrochar desse forte sentimento. Assim diz o autor:

Descobri então o que todos os pais descobrem, isto é, que uma criança desperta sentimentos estranhamente diferentes das outras formas de amor, por mais forte, apaixonado e autêntico que sejam. Deus sabe no entanto, o quanto amei na vida – minhas companheiras, meus pais, meus irmãos, meus amigos... Mas esse amor específico, que a singularidade de cada criança em vez de dividir multiplica, de maneira igualmente estranha, se remete a outro domínio: trata-se de um amor que parece o que os cristãos chamam ágape, o amor gratuito, totalmente desinteressado porque ‘não recíproco’ (FERRY, 2012c, p. 124).

Esse profundo sentimento que desperta no homem moderno suas capacidades mais profundas alimenta essa espiritualidade humanista e laica. Outro termo que exprimiria com autêntica precisão essa proposta de Ferry é o de “qualidade humana profunda”, cunhada pelo filósofo catalão Marià Corbí que assim a explicita:

Essa qualidade humana, que poderíamos também chamar ‘sabedoria’, é uma maneira de compreender, sentir e agir, verdadeiramente interessada pelas realidades, ponderada e, por isso, com capacidade de distanciamento dos próprios desejos, temores, expectativas e preconceitos; capaz de abordar as coisas e pessoas sempre de uma nova forma, porque é capaz de silenciar tudo o que nossa condição de viventes necessitados espera e projeta sobre as realidades, para conformá-las à medida de nossos interesses (CORBÍ, 2008, p. 3 tradução nossa).<sup>10</sup>

E o amor da gratuidade é a habilidade mais banal e mais profunda concedida ao homem pela sabedoria. Como bem mostra Corbí, esse amor permite com que o homem se distancie dos

---

<sup>10</sup> Esa cualidad humana, que podríamos también llamar “sabiduría”, es una manera de comprender, sentir y actuar, interesada verdaderamente por las realidades, ponderada y, por ello, con capacidad de distanciamiento de los propios deseos, temores, expectativas y prejuicios; capaz de acercarse a las cosas y personas siempre de forma nueva, porque es capaz de silenciar todo lo que nuestra condición de vivientes necesitados espera y proyecta sobre las realidades, para conformarlas a la medida de nuestros intereses. (CORBI, 2008, p. 3).

desejos individuais para que os desejos do outro se concretizem. E isso não se encerra no âmbito meramente familiar, como a relação entre esposos ou entre pais e filhos, mas se expressa também em obras de grandes figuras como Teresa de Calcutá, Nelson Mandela, e tantos outros que anonimamente promovem a dignidade do homem pela ajuda e pelo sacrifício de si.

Numa perspectiva laica, tantas ONGs e ações humanitárias, como a Cruz Vermelha, retratam esse amor que quer agir em favor do outro sem levar em conta o que distingue cada homem, sua posição política e sua nacionalidade, mostrando assim uma necessidade de se “fazer abstração, considerando unicamente as vítimas” (FERRY, 2012b, p. 149).

### **3. A TRANSCENDÊNCIA NA IMANÊNCIA: UMA RELAÇÃO COM O SAGRADO DE FORMA HORIZONTAL**

Há na proposta de Ferry uma constante ligação com o religioso, principalmente no que tange à valorização do transcendente. Aqui, o termo não se identifica com uma divindade qualquer, mas simplesmente “essa transcendência do outro que eu sinto na experiência do amor” (FERRY, 2013, p. 93), ou seja, “é primeiramente *em mim*, na imanência da minha consciência e em nenhum outro lugar, em não sei qual céu de ideias ou se por efeito de algum argumento de autoridade” (FERRY, 2010, p. 118). E Luc Ferry utiliza desse termo porque acredita que o amor “me faz ‘sair de mim’” (FERRY, 2013, p. 93), mas, no entanto, é sentido no sentido mais radical do termo, na subjetividade sendo, desse modo, imanente ao homem. Portanto, o sagrado está diante do homem, e não acima da vida, como propôs, durante séculos, a tradição metafísica, ou nos termos de Kant, a tradição ontoteológica.

Para os que creem, de fato, a noção de uma transcendência se encarnando ‘apenas’ na humanidade parece, no final das contas e apesar da simpatia que possa suscitar por seus aspectos antimaterialistas, idólatra demais para ser aceitável. Do ponto de vista religioso, só existe transcendência a partir de Deus, e a imanência do sagrado no mundo humano não tem como satisfazer um espírito teológico (FERRY, 2010, p.119).

No entanto, a grande questão que aqui se coloca é a seguinte: O que faz do homem esse ser tão excepcional, capaz de se tornar sagrado, digno de um amor puramente devotado, a ponto de me sacrificar por ele? E Luc Ferry responderia, certamente, que aquilo que faz do homem um ser ímpar, é sua capacidade de excessos, nesse sentido, de excessos que promovem o bem, a vida, e a dignidade do outro.

Essa capacidade de excesso, segundo o autor, é caracterizada particularmente pela liberdade do homem, ou seja, porque o homem é livre e assim consegue fugir dos determinismos naturais, é que ele pode fazer escolhas e concretizá-las, sobretudo escolhendo fazer o bem. O francês Rousseau, em *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1991) afirma:

Em cada animal vejo somente uma máquina engenhosa a que a natureza conferiu sentido para recompor-se por si mesma e para defender-se, até certo ponto, de tudo quanto tende a destruí-la ou estragá-la. Percebo as mesmas coisas na máquina humana, com a diferença de tudo fazer sozinha a natureza nas operações do animal, enquanto o homem executa as suas como agente livre (ROUSSEAU, 1991, p. 242).

Assim, Rousseau mostra que dessa capacidade de desmedida em relação a natureza, de fazer o mal não por instinto, unicamente, mas pela escolha livre, o homem também pode se colocar, da mesma forma e nas mesmas proporções, a agir visando o bem. E ainda mais fundamental, ao contrário dos animais, o homem não é determinado nem por uma cultura, nem mesmo pela sociedade: tem-se sempre a liberdade garantida, porque ele é livre ou mesmo, como diz Sartre, porque o homem é um ser em situação. Essa situação não se confunde com aquilo que o indivíduo é, porque ele é o único responsável por se fazer e se faz na medida de sua liberdade. Por isso, a liberdade, será outro importante elemento de afirmação da transcendência na imanência, bem como, de estruturação dessa espiritualidade laica, afinal, “é sobretudo na consciência dessa liberdade que se mostra a espiritualidade de sua alma[...]” (ROUSSEAU, 1991, p. 243) ou mesmo, “o que dá ao ser humano em geral sua dignidade é o fato de que ele, à diferença dos objetos ou dos animais, é um ser fundamentalmente livre, que transcende todas as etiquetas que se pretende colocar nele” (FERRY; VINCENT, 2011, p. 81). Esses valores são reconhecidos pelo homem laico como divinos, ou sagrados. Não porque ocupam o lugar do divino ou mesmo denotam uma relação com Deus, mas porque permitem um processo de divinização do homem. Não no sentido de que o homem seja tão formidável, amável ou perfeito, mas porque há nele algo que ultrapassa a natureza e essa possibilidade de se ultrapassar identifica-se com a liberdade ou o amor. De maneira sucinta, em *Depois da Religião* (2008), Ferry elenca três pontos que caracterizam esses valores como absolutos terrestres:

1) Nos ligam entre nós[...]; 2) têm uma origem que, de algum modo, permanece misteriosa, não ‘fundada’: ninguém jamais conseguiu resolver nem a questão do fundamento da moral, nem a do fundamento da verdade. Há algo aqui que é uma transcendência encadeante e infundável, a menos que se recaia nos erros da ontoteologia, mesmo que ela seja ‘materialista’; 3) são sagrados

ao menos no sentido de que esse ‘não- ente’ invisível que se encarna no absoluto terrestre nos ordena ultrapassar nossa individualidade ou, se for o caso, pôr em jogo nossa própria existência (FERRY; GAUCHET, 2008c, p. 72).

Dessa forma, toda a maneira tradicional de lidar com o transcendente é modificada, passando de uma relação vertical, para uma relação horizontal, no qual os homens respeitam, pelos valores que lhes são comuns, a humanidade do outro que está diante de si.

#### 4. A DIMENSÃO SACRIFICIAL E O SENTIDO DA VIDA

Ao mudar sua relação com o transcendente, o homem modifica acima de tudo “a questão do sentido da vida [...] pois, a partir dali, seria o amor profano – e não mais o amor a Deus – a dar à existência dos indivíduos a sua significação mais manifesta.” (FERRY, 2010, p. 111), libertando-se da heteronomia religiosa e afirmando o desejo sempre crescente da significação da própria vida, mesmo quando não parece fazer sentido falar de sentido.

Diante disso, o itinerário da busca pelo sentido da vida, traçado por Luc Ferry, abarcará, necessariamente uma nova dimensão, até então, íntima da religião. Ou seja, o homem moderno, encontrará o sentido da vida quando reconhece que os valores que são transcendentais e ao mesmo tempo, imanentes ao homem, faz a ele uma exigência: é preciso sacrificar-se. Um sacrifício que acontece em favor daquilo que o homem acredita ser sagrado. Portanto, sacrifício e sacralidade possuem uma íntima relação.

Em sua obra *A sabedoria dos Modernos* (1999), Ferry afirma que

o sagrado, não aparece de forma alguma como tal por minha vontade: não é por eu querer esse sagrado que ele é sagrado, mas, ao contrário, é por ele se apresentar a mim, *ainda que contra a minha vontade*, como sagrado que eu o quis, *muitas vezes contra o que o interesse ou o desejo me levariam a escolher* (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 53).

E Ferry exemplifica que, se uma pessoa apontasse para outra uma metralhadora e ameaçasse tirar a vida desse outro se acaso ele não torturasse uma criança inocente, certamente, por ser intolerável tal atitude, – segundo os princípios éticos –, pois existe um absoluto inquestionável que não permite a ele concretizar esse ato de tortura, então acontece um sacrifício daquele que nega a matar a criança (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 54). Em outros termos: a

noção de sacrifício está intimamente ligada à noção de sagrado porque, muitas vezes o homem aceita pagar algo com a própria vida, “sair de si mesmo” arrancando-se de seu ego.

No entanto, o homem não se pode prender unicamente a um sacrifício realizado em favor dos mais caros relacionamentos. Inclui-se nessa lógica o sacrifício pelo desconhecido, por aquele que sofre alguma injustiça social, no qual o homem ético se coloca a lutar pela causa do injustiçado; por aqueles que passam por todos os tipos de necessidades e que, mais do que uma ajuda material, o homem ético se mostra preocupado, atuando, pela filantropia em favor dos menos favorecidos. As situações são plurais, e a grandiosidade dessas atitudes sacrificais lança a seguinte verdade:

Arriscar a vida, seja qual for o motivo, é e sempre será algo difícil, tão difícil que, na verdade, é difícil ver o que poderia significar, em relação a isso, o qualitativo ‘egoísta’. Os valores sacrificais haviam simplesmente descido do céu das ideias – dos ídolos – para se encarnar no humano (FERRY, 2010, p. 115).

E encarnando-se no humano, esses valores transcendentais, se tornam superiores à própria existência do homem, apresentando a ele motivações para viver e “o amor, é claro, é o mais visível e mais forte, não só por se encarnar em relações com outras pessoas, mas também por animar todas as demais ordens: do direito à ética, passando pela arte, a cultura e a ciência” (FERRY, 2012b, p. 200). Não se tendo valores ou pessoas que motivem o homem a arriscar sua vida, há uma confissão de que junto à ausência dos amores, falta o sentido para viver.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o foi visto, é possível a prática de uma espiritualidade laica isenta de qualquer ligação com uma instituição religiosa e seus dogmas. O que permite perceber que, não menos que o cristão, o homem moderno que não professa uma fé específica, pode, pela relação que tem com a transcendência na imanência, aperfeiçoar a si mesmo, e colaborar com a construção de um mundo melhor e igualitário.

O humanismo que Luc Ferry propõe, rechaça a importância do mais nobre sentimento possível ao homem, o amor, e suas benéficas consequências para todo aquele que busca um sentido para viver. O amor permite um desenraizamento das atitudes egocêntricas direcionando o eu ao outro, por isso, o amor é também um impulso que permite o sacrifício pessoal em favor daqueles

que necessitam de nós. Nesse sentido, o amor laico se identifica com o amor cristão, tornando-se *ágape*, amor ilimitado e desinteressado. Assim a base de toda a defesa de Ferry é ainda cristã.

Como o foi demonstrado, toda a proposta de uma espiritualidade laica não exclui por definitivo os elementos cristãos. Sutilmente, e por detrás de toda a filosofia de Ferry, as propostas do cristianismo parecem ecoar, e em muito, fazem-se ouvir. No entanto, uma grande diferença também é visível: a salvação não se dá com a concretização de uma vida eterna, distinta da vida terrena, num plano mais perfeito e nobre. A salvação, é questão do agora, é doação ilimitada, é amor desmedido, é gratuidade. Não que o cristianismo não defenda esses mesmos elementos, mas para Ferry, o homem não toma tais atitudes visando um além-mundo, mas visando o momento presente. Se há somente essa vida, e se é nela que acontece a redenção, a salvação se apresenta em forma de sabedoria, e uma sabedoria conquistada quando cada um dos homens consegue, pelas simples, e ao mesmo tempo grandes ações, dar sentido à própria vida. Salvar-se é, portanto, salvar-se de todo desespero e angústia, típicos de uma existência apegada unicamente em si mesma, e por isso, incapaz do encontro com o outro.

## REFERÊNCIAS

BRÉCHON, Pierre. **Institution de la laïcité et dechristianion de la société française**. 1995

Disponível em: <https://cemoti.revues.org/1687> Acesso em: 10 Maio 2016.

CORBÍ, Marià. **El cultivo de La cualidad humana y de la cualidad humana profunda**.

Julho de 2008. Disponível em: <http://www.cetr.net/es/articles/calidadhumana/elcultivodelacualidadhumana-pro>> Acesso em: 23 Abr 2015.

FERRY, Luc. **A revolução do amor**, por uma espiritualidade laica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Do amor**, uma filosofia para o século XXI. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.

\_\_\_\_\_. **Famílias, amo vocês**, política e vida privada na época da globalização. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

\_\_\_\_\_. **O anticonformista**, uma autobiografia intelectual; entrevistas com Alexandre Laignel- Lavastine. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012c.

\_\_\_\_\_. **O homem-Deus**, ou, O sentido da vida. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012b.

\_\_\_\_\_. **Vencer os medos**, a filosofia como amor à sabedoria. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

\_\_\_\_\_; COMTE- SPONVILLE, André. **A sabedoria dos modernos**, dez questões para o nosso tempo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

---

\_\_\_\_\_; GAUCHET, Marcel. **Depois da Religião**, o que será do homem depois que a religião deixar de ditar a lei? Rio de Janeiro: DIFEL, 2008c.

\_\_\_\_\_; VINCENT, Jean-Didier. **O que é o ser humano?** Sobre os princípios fundamentais da filosofia e da biologia. Petrópolis: Vozes, 2011.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 201-320.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.